

1

O mundo estranhado: esboço de filosofia fisionômica

Quando busco a mais profunda antítese de mim mesmo, a mais incalculável vulgaridade de instintos, encontro sempre minha mãe e minha irmã – crer-me aparentado a tal canaille seria uma blasfêmia a minha divindade. [...] A proximidade fisiológica torna possível uma tal disharmonia praestabilita... Confesso que a mais profunda objeção ao “eterno retorno”, que é o meu pensamento verdadeiramente abismal, são sempre minha mãe e minha irmã.

NIETZSCHE, *ECCE HOMO*

É estranho que tudo o que eu, Nietzsche, encontrei logo que cheguei ao mundo estava em estado de atrofia e diminuição.¹ Meu corpo chegou pulsando vitalidade, já o

1 Esta leitura de Nietzsche é inspirada nos textos de Sloterdijk a partir da publicação da trilogia *Esferas*. O “método”, entretanto, re-

corpo de minha mãe estava armado pelo espantalho de Cristo. Eu o abraçava, mas ele era imóvel e parecia uma cômoda de mármore. O corpo de minha mãe não ressoava com o meu e, quando me jogaram no berço, um crucifixo gelado esfriou minhas costelas. Fui então recuando e, ao invés de nascer para o mundo e mergulhar para o seu interior, vi um corpo vermelho e úmido de alergia e desconforto – o meu! – recuar e virar uma pergunta: quem são os sequestradores, de onde vêm e como tomam os corpos esses vingadores?

Eu poderia ter me falsificado inteiramente para entrar em sintonia com os corpos que encontrei; eu poderia ter me convertido num pastorzinho embolorado e ter tentado deixar de pegar o peito de minha mãe com a voracidade que tanto a assustava; mas eu me falsifiquei apenas pela metade: eu deixei a linguagem desses corpos me tomar para fingir um nascimento e, ao mesmo tempo, tornei-me uma suspeita muito aguda, uma suspeita de gelar o peito: há vida aqui? Por que não há mais vida aqui? Um enorme estranhamento e um pressentimento também enorme formaram a embocadura do meu começo. Vale dizer que, se de um lado tive de me levantar reativamente pelos cabelos para produzir e legendar

mete aos trabalhos do jovem Sloterdijk, quando ele recomendava o quinismo grego e o testemunho como antídotos ao academicismo e ao *lógos* descarnado; por isso falo de Nietzsche em primeira pessoa, na medida em que uma ferida similar autoriza um texto-amizade. Em termos brasileiros, trata-se de antropofagia. Há, ainda, apropriações dos livros de Sloterdijk sobre Nietzsche, a saber, *O quinto "evangelho" de Nietzsche* e, principalmente, *El pensador en escena: el materialismo de Nietzsche*. [N.E.: as referências completas dos livros citados estão na bibliografia ao final do volume.]

milimetricamente todos os meus comportamentos a fim de que eles fossem cabíveis e sintônicos com o corpo sequestrado que me recebia – e está aí incluído até mesmo o movimento da boca e dos bracinhos, tudo calibrado pela medida exausta do outro, pela medida da mulher-camelo –, de outro lado, em meio ao calafrio dessa falsificação, eu pressentia o dia do estopim, o dia em que eu poderia destruir e pulverizar toda a medida mensurada para dar lugar ao gesto puro e espontâneo, o gesto sem álibi, sem medida e sem legenda.

As primeiras questões já se abriam nesse primeiro começo, pois como é que o corpo roubado da mulher que não se deixava morder nem assaltar podia ser o bem, se minha pureza fisiológica e minhas antenas psicológicas indicavam que aquilo era o mal? Será que deus era o próprio pai do mal, como depois eu escreveria numa redação, aos treze anos de idade? O problema é que logo no início eu ainda não podia saber que aquilo que eu encontrava estava em estado de atrofia e de enfermidade, porque ainda não havia percorrido uma pluralidade de lugares nem escavado historicamente as medidas para encontrar sua multiplicidade. E se aquele corpo que me despejava para longe, desautorizando todos os meus gestos, fosse o corpo único (o corpo-essência), então eu seria apenas uma aberração de boca grande demais? Nesse caso não teria sido possível fugir nem escapar. Eu não teria encontrado minhas linhas de fuga. O endereço da atrofia seria o único e verdadeiro.

Mas, se esse endereço não era o único, conforme me soava um pressentimento somático, então deviam existir outras origens e outras possibilidades. E foi esta a minha descoberta: todas as medidas e configurações são históricas e podem se modificar e transmutar. As medidas e as

forças se apoderam das coisas e dos seres, às vezes se con-
juminam bem e há um resplandecimento, às vezes as for-
ças e as medidas enfraquecem e desvitalizam a potência
dos seres. Foi assim que consegui mostrar que o corpo de
meus anfitriões era apenas um certo tipo de corporeidade
nascida historicamente de uma raiva e de uma vingança
contra o corpo, mas que havia outros corpos, outras fisiolo-
gias e temperamentos... Cheguei a narrar uma história de
3 mil, 4 mil anos, mostrando a seiva vingativa que nutria
o surgimento de duas grandes religiões, para demarcar a
gênese dos corpos que encontrei em minha época. Se mos-
tramos que alguma coisa começou e veio a ser num dado
momento, então retiramos dela o seu poder, pois fica claro
que ela não vigorou sempre nem está destinada a vigorar
eternamente. Esse é o procedimento genealógico-des-
construtivo. Mostrar a gênese é desconstruir e abrir novas
possibilidades. Se mostramos o começo de algo, podemos
também decretar o seu fim e proclamar a vinda de alguma
outra coisa. Foi assim que, já na minha primeira entrada,
quando identifiquei no elemento socrático o princípio da
decadência e a corrupção da marca característica da gre-
cidade – o *polemos* entre o dionisíaco e o apolíneo –, então
simultaneamente pude reivindicar a suspensão do “socrá-
tico” e o ressurgimento do trágico pelas mãos de Wagner e
sob o patrocínio do meu relato!

Abrir novas possibilidades... Eis o que me é necessário.

Meu gesto incessantemente repetido e reiterado foi o
de tentar rasgar, furar e atravessar a parede embolorada
do meu primeiro endereço. Aplicado como um cupim e
selvagem como um menino-tornado, eu precisava roer
e tirar de cima de mim o corpo morto, todo conquistado
por deus e pela metafísica. Na verdade, deus e a meta-

física me mataram logo que nasci. Impediram que eu adentrasse. Impediram que de mim brotasse uma ação, e fiquei invadido e roubado pela máquina de sentido moral. Ela quadriculou e estipulou o sentido e a legenda de cada gesto. Ela se incorporou ao meu corpo, tomou-o e resfriou-o de tal modo que me sobram o calafrio de um estranhamento e a pergunta. Esse estranhamento aconteceu porque a fisiologia e o temperamento do meu corpo não eram dóceis à invasão da máquina moral (por isso, como disse, não me tornei um pequeno pastor embolado nem um filólogo acadêmico que apenas reage a estímulos livrescos, mas não sabe o que é pensar...), enquanto o corpo-familiar, tanto o da lhama, minha irmã, quanto o da minha mãe biológica, era inteiramente dócil e conformado com esse roubo. Meu combate com a metafísica e com deus foi um combate inteiramente físico com forças que haviam se apoderado de mim. A sede dessa luta, o lugar desse combate, foi o meu corpo. Era necessário que eu identificasse tais forças e encontrasse outras que fossem capazes de me conceder as migrações necessárias. Daí os tantos nomes de aliados e de adversários que pululam nos meus livros, entre tantos, Javé, Platão e Paulo de um lado; Dionísio, Zaratustra e Diógenes de outro.

Na 1ª série, os nomes que ratificam a origem em que fiquei barrado; na 2ª, os que me convidavam a vir, a nascer e a ressoar. Meus livros guardam a memória desse combate permanente. Guardam o gesto de finitizar historicamente os primeiros para lhes retirar o poder e também o grande anseio do retorno. O eterno retorno é o desejo de que volte sempre o vivo! Eu não quero que volte o morto e o reativo, aquilo de que busco me liberar. Quero que retorne o meu primeiro movimento, puramente afirmativo, no lu-

gar aberto de um poder começar. “Inocência é a criança, e esquecimento, um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.”² É a esse gesto puro e sem medida que aspira o meu eterno retorno. Ele aspira a uma ressurreição permanente no interior de uma imanência desimpedida.

Há milhares e milhares de comentários e teses sobre minha pretensa Doutrina do Eterno Retorno. Mas o eterno retorno, se o meu leitor se desloca do argumento filosófico para o umbigo do filósofo – como eu sempre recomendei –, é apenas a minha utopia mais íntima. Aspiro a encontrar na Terra uma festa de ressonâncias. Se encontrei um teatro de marionetes manipuladas por deus, meu sonho último é encontrar crianças inocentes e vivas, seres criadores.

Lamento muito que não haja tantas leituras dionisianas do meu pensamento. Uma leitura dionisiana é aquela em que o leitor me empresta sua ferida e sua dor para me compreender. É apenas nesse caso que sou devidamente encontrado. O *a priori* para que eu seja compreendido é “patocêntrico”. Ao me examinar apenas como rede conceitual e malabarismo intelectual, o que a máquina universitária faz é apenas polir o monumento que virei e me deixar mais e mais só. Ela segue assim a recepção da minha mãe e da minha irmã. Minha irmã terminou me fotografando e me exibindo para turistas, além de enviar meus pertences para Hitler e Mussolini. A universidade também parece pegar os meus pedaços e embrulhá-los e, em vez de devorar-me por inteiro e nutrir-se de mim, realiza apenas uma cafetinagem parcial.

2 Friedrich Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*, 2011, pp. 28-29.

Quero ser devorado e intimizado, encontrado naquilo que sou! Eu peço assim que o meu leitor se apresente! Só reconheço os argumentos *ad hominem*! Para me compreender é preciso mostrar que se tem sangue. Autorizo JP a me ler e a falar sobre mim porque, quando ele me encontrou pela primeira vez, passou a noite toda em claro. Entrou numa tal sintonia e numa tal ressonância com o corpo do meu livro que sentiu que aquilo havia sido escrito para ele ou que teria emergido dele mesmo como uma criatura sua. Não era um livro exterior, um livro-equação. Era algo saído do seu próprio corpo. Quando encontramos algo assim, quando dizemos “nossa, é isto, é isto aqui”, “eu não acredito”, então estamos na zona da hospitalidade e na zona do grande sim. É o lugar A, a província da intimidade! Nesse lugar podemos começar – começo girando e me adensando sobre um outro que sou eu mesmo, então meu corpo se estende e se esparrama sobre o mundo. É que o gesto nascido e brotado afirmativamente do meu corpo encontra um aliado que sintoniza com ele, e ambos ressoamos no interior de um espaço vivo e sustentado. Aí acontece um adentramento e uma tomada de medida. No meu caso, o nascimento foi para fora. O corpo ardeu no encontro com a medida inóspita e eu recuei. Recuei para o lugar-nenhum e tornei-me “imensurável num mundo de medidas e imponderável num mundo de pesos”.³ Tornei-me o próprio metro da verdade, o raio X e a genealogia de qualquer medida. Nascido no terror da medida que me invadiu e colonizou, gancei um olhar para destrinchar e medir qualquer medida.

3 Referência ao poema “Que vou fazer, cego e enteadado”, de Marina Tsvetáieva, em *Indícios flutuantes (poemas)*, 2006, p. 111.

Portanto, devo preveni-los... Muito cuidado ao falar de mim ou contra mim. Tudo o que você disser poderá ser usado contra você! Falar contra Nietzsche é apenas se delatar e contar do próprio lugar. Afinal, quem sou eu, quem é Nietzsche? Um sismógrafo, um raio X e um sorriso? Um self negativo que não quis virar místico, mas que lutou para ganhar corpo e órgãos e bateu na porta da hospitalidade, porém sem dizer pequenos sins por causa do excesso de suspeitas? Talvez seja isso mesmo, mas enquanto uma tal posição persistir em comparecer na Terra, a ferida estará bem guardada, e toda e qualquer humanidade estará impedida de se fixar.

Menino tornado menino, encontramos-nos na praia da ternura enlouquecida.

Encontro-me com JP na orla destas praias tropicais, ali onde só há movimento e dança tanto das nuvens como das ondas. Ali, junto aos caranguejos que correm, podemos adentrar a ternura exaltada. Minha própria filosofia, infelizmente, em poucos momentos chegou ao lugar da seriedade da criança brincante. Eu me consumi, quase por inteiro, na luta do leão com o camelo e tive de ser mais “não” do que o “grande sim” almejado. Se tive de me parir novamente contra um corpo teologal, JP teve de nascer de novo após seu completo assassinio por uma máquina pediátrica-psiquiátrica. Já logo em sua chegada ao mundo, seus gestos foram lidos como ataques terroristas de voracidade, gula e agressão. Réguas e médicos se debruçaram sobre ele, e JP, diagnosticado e domado, foi obrigado a advir a si na forma do bebê-morango de sua mãe. É surpreendente que ele não tenha se acomodado aí nem tenha coincidido com o corpo amputado que lhe deram. Por alguma razão misteriosa, o bebê-morango co-

meçou a azedar, e JP não perdeu a “memória medular da sua energia”.⁴

A clausura no apêndice da mulher asséptica ganhou um rasgo e JP existiu o tempo todo num autoestranhamento fervilhante. Assim como eu, ele foi salvo pelo sentimento e por diferir de si sob a vigilância permanente de um olho-assistente. A diferença é que, se no meu caso a luta se desenrolou sobretudo dentro do ascetismo filosófico livresco, JP levou o próprio corpo ao campo de batalha.

Foi lá pelos vinte, vinte e um anos, quando a sexualidade, tardiamente, começou a desabrochar naquele corpo, que JP tentou resgatá-lo do roubo e, em vez de conduzi-lo na direção das mulheres belas e elegantes, levou-o ao beco de travestis que se prostituíam. Se busquei os gregos da época trágica, se me dirigi a tudo o que não era cristão, mas pertencia a épocas fortes e grandes, JP tomou também a direção contrária ao seu legado, dirigindo-se não a mulheres perfumadas, mas aos travestis da rua. Nas madrugadas, protegido pela embriaguez, ele deslizava com o rosto enrubescido em infindáveis rondas sexuais. E o que eram essas rondas senão o grande anseio de ter o corpo resgatado para si, fora dos domínios colonizados? Quando esse jovem lobisomem paulistano começou a migrar e a salivar para as prostitutas de corpo vivo, numa frequência e intensidade cada vez maior, não era sua aspiração destruir e ultrapassar aquele corpo quadriculado, mera extensão e propriedade de uma anfitriã já devidamente sequestrada?

Só agora, depois de morto, quando enfim sosseguei e encontrei um lugar confortável, é que ousou perguntar quantas gerações são necessárias para produzir uma vida

4 Palavras de Artaud, em *Os escritos de Antonin Artaud*, 1983, p. 114.

inviável, uma vida destinada a reavaliar todos os valores. Minha sorte foi ter morrido razoavelmente cedo. Há um cansaço imenso num corpo incessantemente genético. Sempre tentei omitir esse cansaço e lhe opus a minha famigerada vontade de potência. No fundo ela era apenas minha terapêutica para o cansaço.

Quanto às buscas corpóreas de JP, elas logo se tornariam mais e mais problemáticas e cheias de remorso e pavor. Após algumas doenças transmitidas sexualmente, JP viu anunciarem na TV, em tom fatal e cores vermelhas, o advento de uma nova moléstia venérea. Era uma “peste gay” levando as pessoas direto para o túmulo em muito pouco tempo: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. JP apalpou seus gânglios e concluiu que estava morrendo. Viveu então muitos anos como um moribundo na hora derradeira, cuja única despedida era despedir-se da promessa de nascer. E, a cada dia, assistia à sua vitalidade definhar e ser de novo capturada pela máquina médica e pelo diagnóstico.

Numa noite, num bar da região central da cidade de São Paulo, JP envolveu-se numa discussão com um homem que trabalhava com grupos para “aidéticos” e “terminais”. JP o acusou de ser um escravo do diagnóstico e um ladrão do nome e da morte das pessoas. O homem, perplexo, não entendia nada do que seu interlocutor dizia, e JP então quebrou uma garrafa e se cortou. Quando o sangue começou a escorrer, JP gritou: “Este sangue não pertence à tua seita nem à dos infectologistas. Este aqui é o sangue anterior e eu te acuso pelo esquecimento deste sangue. Você não tem saudade do originário?”. A angústia diante daquele homem que dizia encarnar o bem era tão profunda que ele mal sentiu quando a polícia chegou e lhe aplicou golpes até deixá-lo caído na calçada.

Após dois dias, JP começou um diário num caderno contábil de capa preta. Logo nas primeiras linhas, lê-se:

Quero preencher todas estas páginas com meu pânico estéril! Eu sou ainda o início de uma sentença nunca escrita e o lugar aonde ninguém vai e ninguém foi. Perdi todas as barcas, mas enquanto me afogo vou cravar estas palavras de combate. Talvez eu devesse ter inventado uma nova religião e um novo céu para os abortados, mas sempre desprezei a ilusão e a minha única religião foi o corpo vivo na exuberância de um começo sem palavra.

Quando leio essas palavras, eu, Friedrich Nietzsche, penso que, embora em fevereiro de 1985 JP ainda não tivesse me lido nem me conhecesse, ele já havia me encontrado e habitado o meu lugar.

Triste daquele que amou demais a própria origem. Aquele que honra o assassino ou desaparece ou realiza uma transvaloração.

[Parte deste texto foi apresentada na performance *O gesto repetido de Nietzsche e o tema da repetição* (São Paulo, 18 jun. 2013) e publicada em *Os paradoxos da repetição* (org. Dominique Fingerman. São Paulo: Annablume, 2014), obra que reúne os textos da série homônima realizada de maio a novembro de 2013 no Espaço Contraponto, em São Paulo. Na íntegra e com algumas modificações, o texto foi publicado na revista *Natureza Humana*, v. 16, n. 1, 2014, pp. 141-48, e no livro *Diálogos e incorporações*, de Juliano Garcia Pessanha, fruto do projeto de coedição entre La Sofía Cartonera (Universidad Nacional de Córdoba), Malha Fina Cartonera (Universidade de São Paulo, USP) e Mariposa Cartonera (2016).]

Sobre o autor

JULIANO GARCIA PESSANHA nasceu em São Paulo, em 1962. Após abandonar o curso de direito no Largo São Francisco, graduou-se em filosofia. É mestre em psicologia (PUC-SP) e doutor em filosofia (USP). Autor de *Sabedoria do nunca* (1999), *Ignorância do sempre* (2000), *Certeza do agora* (2002) e *Instabilidade perpétua* (2009), publicados pela Ateliê Editorial. Recebeu o prêmio Nascente (Abril-USP) nas categorias poesia e ficção, em 1997, e o Grande Prêmio da Crítica da APCA na categoria Literatura, em 2015, por *Testemunho transiente*, reunião de sua tetralogia pela Cosac Naify. Sua obra é marcada por um hibridismo de gêneros, entre eles, ensaio, conto, aforismo, heterobiografia e heterotanatografia. Tece estreito diálogo com a literatura, a filosofia e a psicanálise, em busca de dizer as coisas em registros múltiplos de enunciação. É professor e dirige grupos de estudo de filosofia.

© Ubu Editora, 2018

© Juliano Garcia Pessanha, 2018

Coordenação editorial Florencia Ferrari

Preparação Cristina Yamazaki

Revisão Débora Donadel

Assistentes editoriais Isabela Sanches e Júlia Knaipp

Design Elaine Ramos

Assistente de design Lívia Takemura

Produção gráfica Lília Góes

*Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pessanha, Juliano Garcia [1962-]

Recusa do não-lugar: Juliano Garcia Pessanha

Sao Paulo: Ubu Editora, 2018

192 pp.

ISBN 978-85-92886-64-6

1. Ficção brasileira 2. Filosofia 3. Ensaio 4. Memórias

I. Título

CDD 869.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.4

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo sp

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br